



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB  
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO: JORNALISMO  
PROFESSOR ORIENTADOR: Me. LUIZ CLÁUDIO FERREIRA  
ÁREA: PRODUTO - DOCUMENTÁRIO

LÍVIA FERNANDA FARIA PEDROSA  
PAULA RENATA CÂMARA DO AMARAL

**O SOL NASCENTE DE MALVINA**  
**DOCUMENTÁRIO EM VÍDEO SOBRE O SETOR HABITACIONAL SOL**  
**NASCENTE**

BRASÍLIA  
2014



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB**

**FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS**

**LÍVIA FERNANDA FARIA PEDROSA**

**RA 20525877**

**PAULA RENATA CÂMARA DO AMARAL**

**RA 203114580**

**O SOL NASCENTE DE MALVINA**

**DOCUMENTÁRIO EM VÍDEO SOBRE O SETOR HABITACIONAL SOL  
NASCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso  
de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo  
do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como  
um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel

**BRASÍLIA**

**2014**

LÍVIA FERNANDA FARIA PEDROSA  
PAULA RENATA CÂMARA DO AMARAL

**O SOL NASCENTE DE MALVINA**  
**DOCUMENTÁRIO EM VÍDEO SOBRE O SETOR HABITACIONAL SOL**  
**NASCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso  
de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo  
do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como  
um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em

**Banca Examinadora**

---

Professor Luiz Cláudio Ferreira  
Orientador

---

Professora Katrine Boaventura  
Examinadora

---

Editor-chefe da EBC Morillo Carvalho  
Examinador

BRASÍLIA  
2014

## **DEDICATÓRIA**

Esse trabalho é dedicado a todas as pessoas que são esquecidas pelo Estado. Que a sociedade abandonou, que são tratadas como intrusas. Que o governo quer esconder. Aquelas que tiveram seus direitos negados. Esquecemo-nos de tratar com humanidade o ser humano. Todos nós temos direito de habitar, ter acesso à educação, saúde, alimentação e um trabalho para vivermos com dignidade.

Esse documentário é dedicado à dona Malvina, uma mulher forte, que representa tantas mulheres, mães de família, que vivem como ela. Uma mulher esclarecida, que sabe dos seus direitos, mas que foi mais uma vítima dessa sociedade que abandona e ignora quem mais precisa. Dona Malvina vive como dá.

Por ela guardo um carinho especial, admiro: a generosidade, força, o exemplo de vida que ela passou para todos nós. Dona Malvina é forte, mas também é sensível. Uma pessoa única.

**Lívia Faria**

## **DEDICATÓRIA**

Este trabalho de conclusão é dedicado à dona Malvina. Todos os dias em que acompanhamos o seu dia a dia, foram enriquecedores e de grande aprendizado. Ela como outros tantos invasores, querem somente um local para morar e são muitas vezes esquecidos pelo governo. Este trabalho é dedicado a essas pessoas que buscam um espaço para chamar de seu.

**Paula Amaral**

## AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são quase infinitos, ao longo de todos esses anos só posso ser grata a todos que tiveram paciência comigo, esperaram o meu melhor e acreditaram em mim. Em primeiro lugar a minha família. Minha mãe é um exemplo de fortaleza e sempre me apoiou, acobertou, cobrou. Ela dedicou à vida para que eu me tornasse uma pessoa completa, eu não conheço outro ser humano com tamanha dedicação e disponibilidade de ser doar, um exemplo que posso seguir pelo resto da minha vida e ainda não vou conseguir me igualar. Ao meu pai, com o seu amor incondicional, que me apoia em todas as minhas decisões e sempre enxerga o melhor de mim. Sem os dois na minha vida, certamente eu não seria nada.

Também agradeço ao professor Luiz Cláudio, mais que um professor, um verdadeiro mestre. Que teve muita paciência comigo, durante todo esse tempo motivou-me e impulsionou-me. O exemplo dele me faz querer ser uma jornalista melhor todos os dias.

Não posso esquecer-me da TV Brasília, a casa que me acolheu e me ensinou o que é ser jornalista. Vou ser grata a essa oportunidade pelo resto da vida, é lá que todos os dias provo que posso ser um ser humano melhor, tentando ajudar as pessoas que nos procuram diariamente.

Quero agradecer a todos que fizeram ser possível esse documentário, a parceria com a Paula Amaral, sem o apoio dela com certeza o projeto não teria saído do papel, o Nero e o Bruno, nossos cinegrafistas, que nos acompanharam em todos os momentos, principalmente aqueles em que chegávamos ao Sol Nascente morrendo de medo de que alguma coisa pudesse acontecer. A Renata Coelho que revisou o nosso texto com tanto carinho e ao Daniel Cajueiro, o nosso editor, ele que concretizou, mostrou possível e deu a cara do nosso filme, o Dani é um artista. Agradecer aos policiais da Rotam, que nos levaram na primeira vez ao Setor Habitacional e também ao Edson, prefeito comunitário. É admirável como as pessoas contam com ele para tudo. Só o trabalho dele na comunidade já merecia um documentário, aliás, sem ele, nós não teríamos conhecido a dona Malvina.

E por fim, quero agradecer a banca, que está avaliando nosso trabalho e dizer que ele foi feito com muita dedicação e carinho. Esse documentário significa o final de um ciclo que já estava na hora de ser fechado.

**Lívia Faria**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha família, mas, principalmente, a minha mãe. Ela abdicou de muitos privilégios para pagar minha faculdade. Sem o sonho dela de ter os filhos formados, eu nunca chegaria aqui. Apesar de ter demorado pelos menos 10 anos para concluir, consegui realizar esse desejo. Devo a ela toda base e estrutura que um ser humano deve ter que é amor, dignidade, respeito ao próximo e, acima de tudo, o amor a Deus. Agradeço também ao meu pai, que sempre me ensinou o que é o certo e o errado e mesmo do seu jeito quieto sei que sempre quis o meu bem e o meu crescimento.

Agradeço aos meus colegas de trabalho e em especial a minha chefe, Simone Souto. Ela acreditou em mim quando eu ainda era estagiária e me deu oportunidade para crescer. Na TV Brasília aprendi como um jornalista de TV trabalha e a nunca me contentar com o pouco. Também não posso deixar de colocar aqui pessoas, como Mariana Nigro, Glaucia Guimarães, Morena Pinheiro, que com um jeito todo especial, cada uma fizeram diferença na minha carreira e vida.

Um agradecimento especial ao casal, Renata e Leandro, e a Kelly Almeida, pela paciência e carinho com nosso trabalho.

Minha parceira e amiga, Livia Faria, vou ser grata pela vida inteira, porque sem o apoio dela, eu não conseguiria fazer essa monografia. Aos cinegrafistas, Bruno Gonçalves e Nero Lima, pelo trabalho excepcional e paciência que tiveram conosco. Para o nosso queridíssimo editor de imagens, Daniel Cajueiro. Ele, com sua criatividade ajudou a dar vida para o nosso material.

Por fim, a grande personagem desse trabalho, dona Malvina, que com me ensinou muito com o seu exemplo de vida.

**Paula Amaral**

## **RESUMO**

Este é o memorial descritivo do filme “O Sol Nascente de Malvina”. Nele é retratada a vida de uma mulher, filha de invasores e que não saiu dessa realidade. Para sobreviver, continua vivendo em uma área irregular, na expansão do Condomínio Sol Nascente, em Ceilândia, Distrito Federal. O material produzido mostra que a falta de políticas públicas e a ausência do governo, permitiram que muitas famílias procurassem meios para garantir uma moradia, mesmo que fosse irregular. No início dos anos 90, mais de 100 mil lotes foram doados pelos governantes. A capital que foi projetada para ter até 500 mil habitantes, hoje, tem quase 2,5 milhões de pessoas. O meio em que essas pessoas vivem reflete a desorganização social, causando a falta de segurança, habitação, saúde e educação.

**Palavras-Chave:** Área irregular. Ocupação desordenada. Invasão



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1    Objetivo .....	11
1.2    Justificativa .....	11
2. O QUE É JORNALISMO?.....	13
2.1    Telejornalismo .....	14
2.2    Documentário X Reportagem .....	16
2.3    Como escrever documentário .....	17
3. DESIGUALDADE SOCIAL E INVASÕES NO DF .....	18
4. ENTREVISTA .....	21
5. NO SOL NASCENTE.....	23
6. CONCLUSÃO .....	26
7. REFERÊNCIAS .....	27
8. ANEXOS.....	30
8.1    Roteiro.....	30

## 1. INTRODUÇÃO

Quando Juscelino Kubistchek começou a construção de Brasília, com certeza, não imaginava como a capital federal seria depois dos 50 anos de idade. O sonho de ter uma cidade só para tratar de assuntos políticos transformou-se e hoje a realidade é bem diferente. O planejamento de ter 500 mil habitantes não se cumpriu, e a migração de pessoas de outros estados em busca de condições melhores de vida fez com que esse número triplicasse. Com o crescimento demográfico, o Distrito Federal registra mais de 2 milhões e 500 mil pessoas. Por isso, as pessoas que não conseguem manter o padrão de vida partem para a periferia, conhecida como cidades satélites.

São 31 Regiões Administrativas no DF e a maioria fica a pelo menos 20 km do centro da capital. Consideradas cidades-dormitório, essas regiões começaram a criar as expansões, ou seja, invasões na calada na noite, com ou sem permissões. Um exemplo disso é o Condomínio Sol Nascente. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010a), o condomínio, com mais de 65 mil habitantes, é considerado a maior favela horizontal da América Latina.

Segundo a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD), realizada pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN), o Condomínio Sol Nascente tem os piores indicadores de infraestrutura de todo o DF. Apenas 6,1% das residências têm rede de esgoto e 6% das ruas são pavimentadas. Não há delegacia e nem hospital no condomínio (CODEPLAN, 2013).

Para o professor de geografia urbana da Universidade de Brasília (UnB), Aldo Paviani, o Distrito Federal tem grande estímulo político à favelização e periferização. O motivo é que todas as cidades crescem em um ritmo não organizado e criando sua própria dinâmica de forma de ocupação (2012, apud REZENDE, p. 8, 2012)

Para evitar ainda mais o número de invasores, a Secretaria de Ordem Pública do Distrito Federal (SEOPS) realiza derrubadas programadas de construções irregulares, que na maioria das vezes são de alvenaria.

Este trabalho de conclusão de curso apresenta o vídeo documentário “O Sol Nascente de Malvina”, que mostra a história da vida de uma filha de um pioneiro, que ajudou na construção de Brasília, e acabou invadindo um espaço para ter a própria moradia.

## **1.1 Objetivo**

O objetivo deste trabalho de conclusão é produzir um filme documentário sobre a vida de uma dona de casa do Condomínio Sol Nascente, que como muitas famílias do setor habitacional, se apropriou da terra que não lhe pertence. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010a), o condomínio é considerado a segunda maior favela horizontal da América Latina. Por intermédio da moradora, Malvina Moreira, vamos contar como é a realidade de muitas pessoas que invadem um espaço que não é seu, fixam residência e esperam a regularização do governo.

O filme aborda, baseado na história de Malvina, como funciona o transporte, a educação e a segurança. A falta de organização governamental que, desinteressado pelas causas da população, deixa que comunidades inteiras formem pequenos povoados, que mais tarde viram uma cidade, como é o Condomínio Sol Nascente. Atualmente, o local está em processo de regularização.

## **1.2 Justificativa**

O filme foi o formato escolhido para traduzir a realidade dessa comunidade pobre. O documentário foi todo filmado no Condomínio Sol Nascente. A ideia do trabalho é denunciar na forma de um auto-retrato, a realidade de uma comunidade pobre e esquecida pelos governantes. Cada detalhe foi pensado para que o real fosse percebido na forma mais simples. O olhar da personagem motivou a mostrar o que a muitas vezes a mídia e o dia a dia não permitem ver.

O roteiro foi baseado no depoimento da personagem. A espontaneidade, não obedecendo às regras, fez o documentário seguir o ditado popular de que as imagens valem mais do que mil palavras.

[...]Se a produção é de um documentário espontâneo sobre algum tipo de comportamento ou sobre algum evento único, não deve haver ‘script’, não sentido de um roteiro cinematográfico tradicional, porque ninguém sabe o que realmente vai acontecer na hora da filmagem. Escrevendo um documentário espontâneo, a ênfase é

visualização e na organização, não na narração ou no diálogo. Isto que eu chamo 'arte de escrever sem palavras'. (HAMPE, 2013, p. 1).

Portanto, o que a imagem transmite é mais real do que o falar. Por isso, não ter o OFF. O filme foi conduzido pela narração da personagem. Em cada situação de vida narrada por ela, as imagens são colocadas para que a história tenha mais veracidade e traga a ideia de ser mais próxima da realidade da comunidade.

## 2. O QUE É JORNALISMO?

O jornalismo é uma atividade profissional que tem como obrigação publicar assuntos de interesse público. Quando são divulgados escândalos políticos, situações de famílias abaixo da linha da miséria, problemas nas comunidades, insegurança em alguma região, a situação sai do escuro e é exposta, o que significa que alguém vai ter que tomar alguma atitude. O jornalismo serve como ponte entre a sociedade e o poder público.

Segundo Isaias (2012), na resenha publicada no blog Foco Brasil (visitado no dia 12/11/13), o jornalista, como formador de opinião, tem papel fundamental na construção social. Quando um jornalista publica uma notícia em qualquer veículo de comunicação, simultaneamente, ele propõe ao seu público uma reflexão, uma postura diferente daquela informação, uma reação a ser gerada, por isso a necessidade de tratá-la e saber qual o fundamento daquela notícia, pois o jornalismo tem uma grande responsabilidade social por influência na ideologia das pessoas. De acordo com Dutra (2007), no blog Arteblog, o jornalismo é a atitude de divulgar informações voltadas para o público, de forma imediata, periódica e organizada. À luz da democracia, o jornalismo tem como missão vigiar e controlar o Estado e as empresas privadas de interesse público. Ainda segundo Dutra (2007), transfere-se para a imprensa o papel de “dialogar” com o poder.

Quando o jornalismo consegue atingir o que é de mais nobre da profissão, escancarar a realidade dos menos favorecidos, traz para a sociedade a possibilidade de refletir o que realmente acontece em torno de cada cidadão. Uma sociedade mobilizada, que cobra os seus direitos, consciente do que está acontecendo no mundo, consegue lutar por uma vida mais justa. Segundo Abramo (1988 apud BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 5) “O jornalismo é o exercício diário da inteligência e a prática cotidiana do caráter”.

O Setor Habitacional Sol Nascente é normalmente esquecido pela mídia e pelo governo por ser uma invasão. A imprensa só vai ao local quando acontece alguma tragédia, como crimes mais graves, ou quando as pessoas ficam desabrigadas por causa da chuva forte. A reportagem também costuma ir ao local quando órgãos do governo fazem derrubadas das casas dos moradores. É função do jornalismo mostrar a realidade dos menos favorecidos, mesmo porque é importante frisar que a invasão começa pela falta de fiscalização e atuação

do governo no local. São cobrados dos moradores irregulares os mesmos impostos de serviços urbanos de locais regularizados.

## **2.1 Telejornalismo**

A TV está profundamente mergulhada nas transformações sociais do início do século XXI, e, ao mesmo tempo em que sofre suas influências, contribui para que elas se processem. A televisão é a janela para o eterno e o presente, registra cenas da história da humanidade imaginadas apenas nos filmes de ficção. (BARBEIRO; LIMA, 2002). A televisão também é um meio de comunicação que transforma a vida das pessoas: muda conceitos, forma opiniões, cria hábitos, inspira comportamentos, reduz distâncias, aproxima. É veículo de informação e entretenimento. (PATERNOSTRO, 2006). É um fenômeno de massa de grande impacto na vida social, segundo Barbeiro e Lima (2002), a TV é um dispositivo audiovisual através do qual a sociedade pode divulgar os seus feitos, anseios, sonhos e crenças para toda a humanidade.

O telejornalismo faz parte da programação da TV brasileira cumprindo uma determinação legal. O decreto-lei 52.795 de 31.10.1963 que trata do regulamento dos serviços de radiodifusão estipula que as emissoras dediquem cinco por cento do horário da programação diária ao serviço noticioso (CURADO, 2002). A TV chegou ao Brasil no dia 18 de setembro de 1950 e hoje, de acordo com o IBGE (2014), atinge 96,88% dos lares brasileiros.

Um telejornal é feito para mostrar o que acontece no dia a dia das pessoas. As notícias são organizadas de acordo com a relevância de interesse público: quantas pessoas uma determinada situação vai atingir, o que vai mudar na vida da comunidade e etc.

O programa de notícias existe para oferecer ao público informação sobre os fatos da semana, do dia, da hora, do momento. A notícia é a informação que tem relevância para o público. A importância de um acontecimento é avaliada pelo jornalista, que julga se o fato é notícia e se deve ser divulgado (CURADO, 2002).

Em um telejornal as notícias são contadas pelas reportagens. São nelas que o repórter relata o que está acontecendo, conversa com as pessoas envolvidas, apresenta dados e mostra pelas imagens onde ele está. Na televisão as imagens são tão importantes quanto o texto, são

elas que mostram e ambientam o telespectador, dão a sensação de proximidade, de saber como as coisas realmente acontecem. É com a imagem que o telespectador conhece a “Dona Maria”, que está passando fome e fala com as lágrimas nos olhos. As imagens tocam, sensibilizam. De acordo com Curado (2002), no jornalismo de TV a imagem dá apoio, ou esclarece uma informação. Em certas situações contextualizadas, chega a dispensar qualquer texto. É quando transmite de maneira simbólica um fato. São raríssimos e geniais momentos em que capta a síntese da informação.

O repórter pode se aprofundar na matéria casando o texto com as imagens. A imagem somada a um texto elaborado, com dados e informações faz a matéria ter mais credibilidade e se tornar mais interessante para o público.

Na redação discutimos o enfoque da matéria com a produção de pauta, chefia de reportagem e os editores. Na rua cinegrafista e repórter devem estar ‘grudados’ um no outro, porque a reportagem de TV não é uma obra individual, é um trabalho em equipe. O repórter não pode pensar no seu texto sem considerar a imagem.(ANDRADE, [2010] apud CARVALHO et al., 2010, p. 38).

Já de acordo com Barbeiro e Lima (2002), é preciso dizer que não se trata de reduzir o processo jornalístico às imagens, mas avaliar em que momento elas dão maior contribuição para a difusão das notícias. Ainda segundo o autor, a TV quebra a impessoalidade do jornal impresso e cria personagens que são familiares ao público, como os repórteres, apresentadores, comentaristas, âncoras, testemunhas, entrevistados, etc. As imagens deles se tornam familiares e entram no rol das pessoas conhecidas que tem suas declarações reproduzidas no cotidiano (BARBEIRO; LIMA, 2002).

Segundo Hamze (2014), no site Educador Escola Brasil, na linguagem audiovisual os processos interativos procuram estabelecer a probabilidade da expressão e da criação. Os meios audiovisuais deixam de ser apenas uma ferramenta didática, demandando uma interação continuada que permite mais do que olhar as imagens, mas interpretá-las visando à criação de novas mensagens e informações.

É com a câmera que se consegue captar as emoções. Com uma imagem fechada nos olhos de uma pessoa consegue-se perceber o que ela está sentindo, tristeza, felicidade, desespero. Em uma imagem aberta, tem-se a noção do ambiente, o local em que esta acontecendo. O movimento de câmera consegue aproximar o público do produto: a reportagem.

## 2.2 Documentário X Reportagem

Reportagem de TV e documentário costumam se confundir por tratarem da realidade, por mostrarem fatos que já existem e por serem baseados na linguagem audiovisual, mas são produtos distintos. A reportagem de TV é curta. É contada por um repórter. O tempo comum de uma reportagem varia de um a dois minutos. Segundo Amorim (2014 apud UNIVERSIDADE DE SOROCABA, 2013), em palestra em 29/04/2013, no caso do documentário, as possibilidades de escolhas são muito mais diversificadas em relação a reportagem do que o texto elaborado pelo repórter por exemplo, a pauta e a linha editorial da emissora.

A reportagem geralmente trata de atualidade, o que não quer dizer que esteja sempre enfocando acontecimento recente, mas sim que se trata de algo que até aquele momento é inédito para o público do programa. Em TV, o ineditismo de um evento o torna uma novidade jornalística (CURADO, 2002).

Um documentário tem tempo para se aprofundar em uma história. Ele não precisa tratar de um fato imediato. Segundo Nichols (2012), no modo observativo, o documentarista busca captar a realidade tal como aconteceu. Para isso, evita qualquer tipo de interferência que caracterize falseamento da realidade. Apenas há um registro dos fatos sem que o documentarista e sua equipe sejam notados.

Para Carvalho (2006), no artigo O Documentário e a Prática Jornalística, o documentário é o formato de produção audiovisual que lida com a verdade, mostra fatos reais e não imaginários, o que normalmente é chamado de “não-ficção”. Aborda o tema ou assunto em profundidade a partir da seleção de alguns aspectos e representações auditivas e visuais.

Um documentário tem a pretensão de entender a realidade, o tema, ir a fundo, se possível “explorar” a alma do personagem. Segundo Bazin (1991 apud BALTAR, 2004) “São descobertas que satisfazem definitivamente, por sua própria essência, a obsessão de realismo”.

Apresentadas as diferenças dos gêneros entre reportagem e documentário, o documentário jornalístico “O Sol Nascente de Malvina”<sup>1</sup> mostra os contrapontos da vida da filha de um pioneiro que ajudou a construir Brasília, mas não teve nenhuma oportunidade de

---

<sup>1</sup> Documentário em vídeo sobre o setor habitacional Sol Nascente.



viver e criar seus filhos com dignidade na capital. Hoje, boa parte da família mora na maior favela horizontal do Brasil, sem nenhum tipo de estrutura básica para sobrevivência, como saneamento básico, saúde, educação e segurança. Também por meio da história da personagem, o documentário pretende expor a realidade dos 65 mil moradores de uma invasão que fica a 30 km do Congresso Nacional, mas é esquecida pelo poder. A realidade desta invasão também pode retratar a de tantas outras favelas que existem na cidade com as mesmas carências ou até piores. Mostrar esta realidade significa apresentar para os moradores do DF que ela existe.

## 2.3 Como escrever documentário

Narrar histórias usando imagens, segundo Penafria (1998), é documentar a vida das pessoas e os acontecimentos do mundo de modos diversos. A ideia principal é fazer com que o espectador se identifique com o que é apresentado no filme.

Mas o documentário não pode ser confundido com ficção. Ramos (2001) explica que o documentário respeita os fatos históricos e os coloca na perspectiva de um real mais próximo de quem assiste. Já na ficção, os fatos são narrados para que o espectador use a imaginação para interpretar o filme.

[...] Boas imagens não aparecem do nada. É preciso planejamento. Você deve estar pronto a reconhecê-las e, o mais importante, estar pronto para filma-las quando elas acontecerem. Então você deve selecioná-las e organizá-las para apresentar um argumento visual para o espectador. Fazer um documentário é fazer um exercício de construção de um modelo. (HAMPE, 2013, p. 1).

Nichols (2012) caracterizou os documentários em tipos, dividindo-os em modalidades. O modo expositivo se aproxima mais de uma matéria de TV e é baseada em *off*, preocupando-se mais com a defesa de argumentos. O modo poético valoriza a ideia do documentarista, deixando claras as suas impressões do que é abordado. No modo observativo, o documentarista quer mostrar como tudo aconteceu sem intervir nas captações de imagens. No modo participativo, o documentarista participa ativamente de todo o processo. Ele aparece interagindo durante todo o processo de gravação, sendo também um sujeito. No modo reflexivo o importante é mostrar como tudo no filme foi realizado e concebido. Deixa claro para o telespectador quais foram os procedimentos da filmagem, evidenciando a relação estabelecida entre o grupo filmado e o documentarista.

[...] Ao reconhecer no filme documentário potencialidades diversas tal como a possibilidade de tratar as mais diversas temáticas, acentuou-se a necessidade de procurar aquilo que daria unidade aos diferentes documentários, usualmente conhecidos como documentário científico, documentário etnográfico, documentário histórico, etc. [...] (PENAFRIA, 1998).

Fazer um documentário é ir bem mais além do que uma reportagem para televisão. A profundidade nos temas poderá ser explorada, diferentemente do que é feito no dia a dia de uma redação com matérias e o *deadline* contados. Hampe (2013) defende que mesmo que a abordagem seja considerada simples, o documentário vai dar destaque à organização dos assuntos e visualização e não na narração escrita ou no diálogo.

[...] Para um documentário de comportamento ou de evento único, um tratamento amplo muitas vezes toma o lugar de um roteiro. O tratamento mostrará o que você deve saber, o que você deve procurar e como usar essas coisas no documentário que você está planejando [...] (HAMPE, 2013, p. 4).

[...] Documentário é também resultado de um processo criativo do cineasta marcado por várias etapas de seleção, comandadas por escolhas subjetivas desse realizador. Essas escolhas orientam uma série de recortes, entre concepção da idéia [sic] e a edição final do filme, que marcam a apropriação do real por um discurso. [...] (PUCCINI, 2009, p. 177).

Portanto, a produção de um filme documentário é trabalhar a espontaneidade e o comportamento dos personagens. Hampe (2013) defende como um processo criativo.

## DESIGUALDADE SOCIAL E INVASÕES NO DF

O Distrito Federal tem uma extensão territorial de 5.787,784 km<sup>2</sup>, para 2 milhões e 500 mil pessoas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010b). A capital do país tem um dos melhores indicadores socioeconômicos e a maior renda *per capita* Brasil, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2013). Apesar dos dados, que mostram a grande qualidade de vida da cidade, não muito distante do centro do poder, o DF tem a segunda maior favela horizontal da América Latina, de acordo com o IBGE (2010a), que é o Condomínio Sol Nascente.

Com 54 anos de idade, o Distrito Federal já vive problemas de grandes capitais como São Paulo e Rio de Janeiro. Com altas taxas de desemprego, violência e desigualdade social. A capital que foi projetada para receber cerca de 700 mil habitantes, que vieram para trabalhar nos órgãos públicos, quadriplicou o número de moradores.

O crescimento do Distrito Federal é de forma desordenada, e um exemplo são as invasões. No início da década de 90, começaram a distribuição de lotes, criando novas cidades-satélites e condomínios fechados.

[...] A moradia próxima ao Plano Piloto é o sonho de todo brasileiro, criando e alimentando a demanda por loteamentos irregulares. Para satisfazer esta demanda surgiram os condomínios. Os condomínios podem ser definidos como empreendimentos privados, que resultam da invasão e do parcelamento irregular de terras públicas. São criados por meio de estratégias ilegais tendo como seu público alvo a classe média. (SILVA, 2006).

Em menos de uma década o DF recebeu 1 milhão de pessoas. A partir daí, esse crescimento perdeu o controle. Várias pessoas chegavam à Brasília, atraídas pela possibilidade de um emprego estável e de uma melhor qualidade de vida. Em entrevista concedida ao jornal *Correio Braziliense*, publicada no dia 5 de setembro de 2012, o professor emérito e geólogo da Universidade de Brasília (UnB) Aldo Paviani, disse que não tem como controlar ou impedir que as pessoas se mudem para o DF (2012, apud REZENDE, p. 8, 2012).

Algumas cidades do DF começaram a ser erguidas sem o controle do Estado e com a fomentação de grileiros, que partilhavam e vendiam terrenos de propriedade particular e do poder público com documentos falsificados. Segundo o IBGE (2010b), usando dados do último Censo de 2010, o DF tem 36.504 casas irregulares e 133.556 pessoas morando nelas, o que representa 5,3% de toda população. Quase metade dessas pessoas vive no Condomínio Sol Nascente.

O resultado disso, os condomínios Sol Nascente e o Por do Sol tem os piores indicadores socioeconômicos e de infraestrutura de todo o DF. Apenas 6,1% das residências tem rede de esgoto em casa. Os caminhões de lixo não chegam a 54,15% dos domicílios, e 94% das ruas não tem pavimentação. Em entrevista ao jornal *Correio Braziliense*, publicada no dia 28 de setembro de 2013, o presidente da Companhia de Planejamento do Distrito Federal, Júlio Miragaya, afirma que por serem ocupações mais recentes, elas estão em uma

situação muito ruim de infraestrutura. O Estado ainda não chegou lá em muitos pontos, e a demanda por infraestrutura é grande (2013 apud FURQUIM, 2013).

Mesmo com o *status* de segunda maior favela do país, o Condomínio Sol Nascente está em fase de regularização. Segundo a administração de Ceilândia, em 2011, o GDF iniciou o processo de regularização do Setor.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Informação obtida em entrevista realizada por e-mail com o assessor da administração de Ceilândia, Rodrigo Almeida, em 2014.

### 3. ENTREVISTA

De acordo com o Dicionário de Comunicação (RABAÇA; BARBOSA, 2002), a entrevista é o trabalho de apuração jornalística que pressupõe contato pessoal entre o repórter e uma ou mais pessoas, de destaque ou não, que se disponham a prestar informação.

A entrevista é a maior fonte de informação jornalística. Saber perguntar é quase uma arte. A pergunta denota que há necessidade de esclarecimento sobre determinada situação ou tema e revela a atenção e a acuidade do entrevistador (CURADO, 2002).

Existem vários tipos de entrevistas, a coletiva em que a informação é passada para vários veículos de imprensa; a exclusiva, que é concedida para um repórter; pingue pongue, em que são transcritas perguntas e respostas na íntegra (DUARTE; BARROS, 2006),

A entrevista audiovisual mostra a intimidade do entrevistado mostram os gestos, o olhar, o tom de voz, o modo de se vestir, a mudança no semblante. Esses maneirismos também mudam a ação do entrevistador, que na medida em que adquire experiência, consegue tirar do entrevistado mais do que ele gostaria de dizer (BARBEIRO; LIMA, 2002). Segundo Fontana e Frey (1994 apud DUARTE; BARROS, 2009, p. 62) “Entrevistar é uma das mais comuns e poderosas maneiras que utilizamos para tentar compreender nossa condição humana”.

O tipo de entrevista usado neste documentário foi em profundidade, aberta e exclusiva. Essa decisão foi tomada porque trata a vida da personagem com profundidade e sem roteiro prévio, o diálogo se tornou um grande bate papo, claro que sem perder o foco, e de acordo com as respostas surgiam novas perguntas.

Segundo Duarte e Barros (2006), A entrevista aberta é exploratória e flexível, não havendo sequência predeterminada de questões ou parâmetros de respostas. Tem como ponto de partida um tema ou questão ampla e flui livremente.

O instrumento utilizado foi a gravação, que possibilitou o registro total da entrevista, não dependendo das anotações e memória das entrevistadoras. Registraram todos os detalhes, suspiros, minúcias da entrevista. Como a gravação de um documentário é mais livre do que a

de uma reportagem, houve tempo suficiente para que a personagem se acostumasse com a presença da câmera e concedesse a entrevista com naturalidade.

O pesquisador pode se surpreender como entrevistas em profundidade despertam interesse. As pessoas raramente têm oportunidade de falar abertamente e de maneira sistematizada sobre suas experiências, opiniões e percepções e tendem a ser cooperativas com entrevistadores informados e perspicazes, se percebem que as perguntas são bem fundamentadas, desafiadoras, inteligentes e oferecem a possibilidade de refletir sobre o assunto (DUARTE; BARROS, 2006)

## 4. No Sol Nascente

A escolha de contar a história da dona Malvina começou bem antes de saber que ela existia, já começou lá do início, na escolha pelo curso de jornalismo. Foi pela vontade de construir uma sociedade melhor e mais justa, lutar pela mudança. Trabalhar em uma emissora de televisão trouxe algumas experiências: uma é de que não dar para se fazer tudo o que se quer, tem que respeitar a linha editorial, e no caso da TV Brasília, não se faz matéria em invasão, já que não tem como cobrar uma solução do governo.

Por isso foi escolhido fazer um documentário mostrando como as pessoas vivem nas invasões, em locais irregulares, sem os serviços básicos do governo. Veio da curiosidade de saber qual é a perspectiva dessas pessoas? O que elas pensam? O que esperam da vida?

O Sol Nascente foi escolhido porque de acordo com o estudo do IBGE<sup>3</sup>, ele é a segunda maior favela horizontal do Brasil.

No primeiro momento a ida à Ceilândia foi com a proteção da Polícia Militar, já que o local é extremamente perigoso e de acordo com a PM, não é uma favela pacificada. Para entrar no Sol Nascente foram destacados dois policiais à paisana, da inteligência da Rondas Ostensivas Táticas Metropolitanas (Rotam), em uma viatura descaracterizada. Este grupo circulou uma parte da comunidade e foi embora. Na verdade, aquela não era a melhor forma de se aproximar da população, então a ideia foi entrar em contato com um líder comunitário.

Com o prefeito comunitário Edson Silva, o Sol Nascente pareceu mais amigável, não um reduto de traficantes loucos para assassinar qualquer um que passasse. Mas um local pobre, em que as pessoas vivem ali porque precisam, tem gente boa e gente ruim, como em qualquer outro lugar. A visita à comunidade foi no dia das crianças, 12 de outubro. A prefeitura comunitária estava promovendo uma festa. A rua estava lotada de meninos e meninas brincando no pula-pula e na fila da pipoca. O detalhe é que naquela mesma rua, um homem tinha sido assassinado a pauladas durante a madrugada.

Andando pelo Setor Habitacional, o grupo chegou à expansão do Sol Nascente, que é a invasão da invasão. A Secretaria de Ordem Pública (SEOPS) e a Agência de Fiscalização

---

<sup>3</sup> Informação obtida em entrevista realizada por e-mail com o assessor de imprensa do IBGE, Marcílio Souza, em 22 de agosto de 2013.

(Agefis) haviam feito derrubadas no dia anterior, na verdade derrubaram o restante que a enchente deixou. Há poucos dias uma chuva forte tinha alagado boa parte de Ceilândia, arrastados casas, houve desmoronamentos e uma criança morreu afogada dentro de um ônibus escolar.

Dona Malvina estava na frente da casa dela, com as duas netas, estendendo a roupa e tentando limpar os estragos que a chuva deixou. Este foi o primeiro contato. Ela contou a história dela, chorou e tudo foi gravado pelo Iphone. Percebemos que era com ela que faríamos o documentário.

Foram mais duas visitas à casa da personagem, e não foi preciso mais a ajuda do líder comunitário. Na primeira, foi filmada a casa, a história, a vida da Dona Malvina, como ela foi parar naquele lugar. Ela e a família estavam reconstruindo o barraco, pois a empresa em que o esposo trabalha doou o material de construção. Dona Malvina estava muito emocionada, estava agradecida de ter escapado da morte, mas tinha perdido tudo.

Ganhamos a confiança da família, as crianças se acostumaram com a nossa presença, Malvina viu um ombro amigo para desabafar, contou toda a vida, o assassinato da mãe, como foi criada pela avó, como o pai chegou a Brasília, era um pioneiro, ajudou a construir a capital. Tudo foi gravado.

Nas outras vezes, quando chegávamos, sempre vinha o susto, a casa já estava em pé e a favela com outra configuração, sempre mais casinhas sendo construídas ou derrubadas, dependendo da visita.

Depois do último dia de gravação, veio surpresa desagradável. Na hora da edição, percebemos que o material estava todo perdido. Foi gravado sem foco, quase nada deu para aproveitar.

Depois do desespero, raiva e decepção, avaliamos que a história valia a pena. Resolvemos fazer tudo de novo.

Fomos outras vezes à casa da personagem e refizemos as gravações. O documentário é outro, já que a enchente já tinha passado e a casa já estava reconstruída. A personagem já tinha se acostumado com as câmeras, já sabia o que dizer. Não estava mais tão emocionada, já que o susto já havia passado.



Mas mesmo assim vale a pena contar a história dela, que representa a de tantos brasileiros que moram em invasões e são ignorados pela sociedade. Dessas pessoas é retirado o direito de viver com dignidade. A maioria não tem acesso a serviços fundamentais como a escola, segurança, saneamento básico, educação e saúde.

## 5. CONCLUSÃO

Foram seis dias de gravações *in loco*. Paralelo a isso, foram feitas pesquisas e entrevistas com fontes do governo para que o documentário tivesse informações, além da história de vida da personagem.

O intuito era de mostrar a realidade dos moradores de uma comunidade pobre e sem assistência do governo. No início das gravações, a ideia era fazer vários depoimentos para compor toda a história do filme. Mas a personagem nos ganhou desde o início. A riqueza de detalhes, a sinceridade e a perseverança, fizeram de dona Malvina, a pessoa que retrataria o que realmente um invasor sente na pele.

Em todas as idas ao Setor Habitacional Sol Nascente foi percebido que a cidade tem outras histórias que valem a pena contar. São homens e mulheres que lutam sozinhos a batalha pela sobrevivência nesse grande meio social.

O filme “O Sol Nascente de Malvina”, mostra como é a sensação de uma pessoa que invade um terreno e vive em constante estado de alerta. O medo é de ficar sem um lugar para morar a qualquer momento.

Apesar de todo o processo de regularização no Sol Nascente, ainda falta muito. No local, não há nenhuma assistência básica para a população, como saúde, educação e segurança. Tudo é precário.

No documentário foi usado o modo observativo, que tem como ideia contar a história, sem intervir, deixando as imagens falarem por si. Neste trabalho, ficou claro que, para um jornalista, uma boa história vale ouro.

## 6. REFERÊNCIAS

BALTAR, Mariana. Reflexões sobre o lugar do documentário. *Revista Acadêmica de Cinema*, Rio de Janeiro, n. 2, 2004 Disponível em: <<http://www.estacio.br/graduacao/cinema/digitagrama/numero2/reflexoes.asp>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. *Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

CARVALHO, Alexandre; DIAMANTE, Fabio; BRUNIERA, Thiago; UTSCH, Sérgio. *Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar*. São Paulo: Contexto, 2010.

CARVALHO, Márcia. O documentário e a prática jornalística. *Revista Pj:Br: Jornalismo Brasileiro*, [São Paulo], v. 7, 2006. Disponível em: <[http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios7\\_d.htm](http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios7_d.htm)>. Acesso em: 13 nov. 2013.

CODEPLAN. Companhia de Planejamento do Distrito Federal. *Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios: setores habitacionais Pôr Do Sol e Sol Nascente: PDAD 2013*. Brasília, DF, 2013. 70 p. Disponível em: <<http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/PDAD/2013/PDAD%20Por%20do%20Sol%20e%20Sol%20Nascente.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2014.

CURADO, Olga. *A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo*. São Paulo: Alegro, 2002.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Org.). *Método e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

DUTRA, Adriana. *Mas afinal, o que é jornalismo?* 16 ago. 2007. Disponível em: <<http://adrianadutrajornalista.arteblog.com.br/19814/Mas-afinal-o-que-e-Jornalismo/>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

FURQUIM, Gabriella. Maior favela da América Latina: Sol Nascente toma posto da Rocinha: pesquisa coloca os condomínios Pôr do Sol e Sol Nascente com mais moradores que a famosa ocupação carioca. O problema dos dois locais não é a renda, mas a falta de infraestrutura. *Correio Braziliense*, Brasília, DF, 28 set. 2013. Disponível em: <[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/09/28/interna\\_cidadesdf,390588/maior-favela-da-america-latina-sol-nascente-toma-posto-da-rocinha.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/09/28/interna_cidadesdf,390588/maior-favela-da-america-latina-sol-nascente-toma-posto-da-rocinha.shtml)>. Acesso em: 14 nov. 2013.

HAMPE, Barry. *Escrevendo um documentário*. Disponível em: <<http://lsgasques.blogs.unipar.br/files/2008/05/escrevendo-um-documentario.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

HAMZE, Amelia. *Linguagem audiovisual e a educação*. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/gestao-educacional/linguagem.htm>>. Acesso em: 3 maio 2014.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censos demográficos: resultados da amostra*. [Brasília, DF], 2010a. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default\\_resultados\\_amostra.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default_resultados_amostra.shtm)>. Acesso em: 14 nov. 2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Séries históricas e estatísticas: nível geográfico: domicílios particulares permanentes, por posse de televisão*. Disponível em: <<http://serieestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=1&op=1&vcodigo=PD282&t=domicilios-particulares-permanentes-posse-televisao>>. Acesso em: 15 maio 2014.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Sistema IBGE de recuperação automática: SIDRA: banco de dados agregados: censo demográfico e contagem da população*. [Brasília, DF], 2010b. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl1.asp?c=3381&z=cd&o=8&i=P>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Portal ClicaBrasília: economia aquecida contribui para IDHM alto no DF*. [Brasília, DF], 2013. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=19315](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=19315)>. Acesso em: 14 nov. 2013.

ISAIAS, Wellington. *Para que serve o jornalismo?* 21 mar. 2012. Disponível em: <<http://focosbrasil.wordpress.com/2012/03/21/para-que-serve-o-jornalismo/>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

NICHOLS, Bill. *Documentário e seus tipos segundo "Bill Nichols"*. 3 nov. 2012. Disponível em: <<http://portaldocurta.wordpress.com/2012/11/03/documentario-e-seus-tipos-segundo-bill-nichols/>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

PATERNOSTRO, Vera Isis. *O texto na tv: manual de telejornalismo*. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PENAFRIA, Manuela. *Unidade e diversidade do filme documentário*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 1998. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/penafria-unidade-diversidade.html>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

PUCCINI, Sérgio. Introdução ao roteiro de documentário. *Doc On-line: Revista Digital de Cinema Documentário*, [Covilhã], n. 6, p. 173-190, ago. 2009. Disponível em: <[http://www.doc.ubi.pt/06/artigo\\_sergio\\_puccini.pdf](http://www.doc.ubi.pt/06/artigo_sergio_puccini.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2013.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de comunicação*. 7. ed. Rio de Janeiro: Campos, 2002.

RAMOS, Fernão Pessoa. O que é documentário? In: RAMOS, Fernão Pessoa; CATANI, Afrânio. (Org.). *Estudos de cinema SOCINE 2000*. Porto Alegre: Sulina, 2001. p. 192-207. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/pessoa-fernao-ramos-o-que-documentario.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2013.

REZENDE, Pedro Paulo. Zona metropolitana contra exclusão. *Correio Braziliense*, Brasília, DF, 2 set. 2012. Pensar Brasília, p. 8.

SILVA, Hélio de Andrade. *Os problemas fundiários do Distrito Federal*. 18 set. 2006. Disponível em: <[http://www.mundojuridico.adv.br/sis\\_artigos/artigos.asp?codigo=856](http://www.mundojuridico.adv.br/sis_artigos/artigos.asp?codigo=856)>. Acesso em: 17 nov. 2013.

UNIVERSIDADE DE SOROCABA. Assessoria de Comunicação Social. *Documentário e reportagem especial: diferentes linguagens*. 29 abr. 2013. Disponível em: <<http://www.uniso.br/noticias/NotCompleta.aspx?noticia=3403>>. Acesso em: 3 maio 2014.

## 7. ANEXOS

### 7.1 Roteiro

<b>ROTEIRO</b>	<b>O SOL NASCENTE DE MALVINA</b>
<b>TÉCNICA</b>	<b>ÁUDIO</b>
<p><b>NOME DO DOCUMENTÁRIO</b></p> <p><b>00:09:32– FITA 01:</b> IMAGENS DE DENTRO DO CARRO CHEGANDO NA CASA DA MALVINA + BG (SOLO – CANDEIA – RIR PARA NÃO CHORAR)</p> <p><b>00:01:47 OU 03:19 – FITA – 02:</b> APRESENTAÇÃO DA DONA MALVINA (FICHA TÉCNICA)</p> <p><b>00:02:07 - FITA 02:</b> COMO CHEGOU AO SOL NASCENTE</p> <p>00:02:09 – FITA 02</p> <p><b>00:00:06 MVI_17</b></p> <p><b>00:00:04 MVI_018</b></p> <p><b>IMAGENS DA CASA DELA</b></p>	<p><b>(TRILHA)</b></p> <p><b>(FITA 02 - 1:47 / 3:19)</b></p> <p>MEU NOME É MALVINA TENHO 45 ANOS, MORO NO SOL NASCENTE HÁ 1 ANO E OITO MESES. ESSA É MINHA CASA. ALI MORA MINHA FILHA, AQUI SÃO OS MEUS NETOS, QUE ESTÃO ALI. SÃO 14, SÓ 14 NETOS, NÉ? E EU VIM PARAR AQUI, NÉ? POR MOTIVO DE ARROCHO.</p> <p>LEGENDA: SOL NASCENTE, 30 KM DE BRASÍLIA</p> <p><b>(FITA 2 - 2:07)</b></p> <p>PERGUNTA — COMO A SENHORA VEIO PARAR AQUI?</p> <p><b>(FITA 2 - 2:09)</b></p> <p>PERGUNTA – BOM, TINHA UM</p>

	<p>PESSOAL AÍ INVADINDO, INVADINDO. COMO EU JÁ ESTAVA SUFOCADA E NA FORÇA E NO ALUGUEL VIM TAMBÉM PRA CÁ.PASSEI MUITOS APUROS, MUITO ARROXO, COMO TODO INVASOR. A GENTE CONTINUA PASSANDO, ESPERANDO MELHORIA, ESPERANDO UMA HORA QUE OS GOVERNANTES MELHOREM ESSA SITUAÇÃO.</p> <p><b>COLO COM (00:00:06 MVI_17)</b></p> <p>MALVINA - UMA PESSOA QUE GANHA SETECENTOS REAIS, PAGA SEISCENTOS E CINQUENTA DE ALUGUEL, VIVE DE QUE, NÉ? FICOU DIFÍCIL AS COISAS PARA NÓS. NO CASO O MEU ESPOSO GANHA SALÁRIO COMERCIAL EU NÃO TRABALHO FIXO, AGORA ESOU SÓ EM CASA DEPOIS DO QUE ACONTECEU, MAS EU ESTAVA TRABALHANDO PARA GANHAR TRINTA, QUARENTA REAIS PARA GANHAR A DIÁRIA.</p> <p><b>COLA COM (00:00:04 MVI_018)</b></p> <p>MALVINA – MINHA AVÓ VEIO DA INVASÃO, MINHA MÃE VEIO JUNTO, FICOU COM ELA E SEMPRE MOROU JUNTO COM MINHA AVÓ, DEPOIS DE MUITOS ANOS EU ME LEMBRO,</p>
--	---

<p>DIA A DIA DELA - 00:12:49 - FITA 02</p> <p><b>00:12:49 – FITA 02</b></p> <p><b>00:12:52 – FITA 02</b></p> <p><b>00:14:09 – FITA 02</b></p> <p><b>00:14:12 – FITA 02</b></p> <p><b>CARTELA SOL NASCENTE + BG</b></p>	<p>ACHO QUE EU TINHA UNS SETE ANOS QUE MINHA MÃE CONSEGUIU UM LUGAR PARA MORAR (SE EMOCIONA) QUANDO FOI EM 77 MINHA MAE FOI ASSASSINADA QUANDO IA TRABALHAR (COLOCA A MÃO NO ROSTO, VIRA E VAI ATÉ A PIA)</p> <p><b>“DE ACORDO COM O IBGE, O CONDOMÍNIO SOL NASCENTE É A MAIOR FAVELA HORIZONTAL DO BRASIL. A INVASÃO EXISTE HÁ 13 ANOS E TEM CERCA DE 65 MIL HABITANTES”</b></p> <p><b>(FITA 2 - 12:49)</b></p> <p>PERGUNTA — DONA MALVINA COMO É SEU DIA A DIA AQUI? A SENHORA ACORDA E FAZ O QUE?</p> <p><b>(FITA 2 - 12:52)</b></p> <p>MALVINA — EM PRIMEIRO LUGAR A MAMADEIRA DO PESSOAL, PORQUE A TURMA DA MAMADEIRA NÃO PERDOA. SÃO SEIS. PORQUE A MÃE ARRUMA LÁ, MAS AGORA PARECE SE NÃO TOMAR CAFÉ COMIGO, NÃO FICAM SATISFEITO, SER PAU PRA TODA OBRA, É O CAFÉ DA MANHA, LAVA A LOUÇA, FAZ COMIDA. TENTAR ARRUMAR, MAS PRIMEIRO LUGAR NÃO PERMITE NÉ? A ORGANIZAÇÃO COMPLETA.E</p>
--	---



	<p>DEPOIS COM ESSE POVO SOLTO DENTRO DE CASA É O DIA TODO NA LUTA. ELES FICAM O DIA INTEIRO NO MEU PÉ ASSIM MESMO COMO VOCÊS ESTÃO FILMANDO.</p> <p><b>(FITA 2 - 14:09)</b></p> <p>PERGUNTA — AÍ DEPOIS DO CAFÉ DA MANHÃ, COMO É QUE É?</p> <p><b>(FITA 2 - 14:12)</b></p> <p>MALVINA – ARRUMAR A CAMA, A CASA, RESOLVER ALGUMA COISA NA RUA. AGORA COM TODO MUNDO ESTUDANDO, NÉ? ESSA CORRERIA DE ALMOÇO ARRUMAR TODO MUNDO PARA IR PARA ESCOLA. O PAI TRABALHA, NÉ? A MÃE ESSES DIAS ELA NÃO ESTÁ TRABALHA, MAS ELA TAMBÉM TRABALHA. AÍ EU VOU AUXILIANDO NO QUE É POSSÍVEL. AQUI SÃO SEIS, TEM AS OUTRAS DUAS QUE FICAM ALI NA OUTRA CASA ALI SOZINHAS, TEM QUE SER UMA MÃO LAVANDO A OUTRA AQUI.</p>
<p><b>HISTÓRIA CADASTRO SEDHAB -</b></p> <p><b>00:11:20 - FITA 02</b></p> <p><b>00:11:27 - FITA 02</b></p> <p><b>00:47:10 - FITA 02</b></p>	<p><b>(FITA 2 - 11:20)</b></p> <p>PERGUNTA — A SENHORA NÃO TEM MEDO DE UM DIA, VIR A AGEFIS E DERRUBAR TUDO? QUAL A SENSACÃO?</p>

	<p>(FITA 2 - 11:27)</p> <p>MALVINA — INSEGURANÇA, NÉ? EU TENHO 29 ANOS DE INSCRIÇÃO NA SECRETARIA DE HABITAÇÃO. 29 ANOS É UM BOCADO DE TEMPO. AÍ VOCÊ ESPERA, ENTREGA PARA PARENTE, ADERENTE, PESSOAS QUE CHEGAM DE OUTROS ESTADOS E SE ENCAIXAM NO PROJETO E EU TÔ ESPERANDO E ESTOU AQUI NA TENTATIVA DE ELES OU REGULARIZAR OU ME REMOVEREM PARA UM LUGAR, PORQUE EU ACREDITO, QUE SENDO FILHA DE BRASÍLIA, VIM PRA CÁ COM SEIS MESES DE NASCIDA, TENHO 45 ANOS JÁ FAÇO 46, ESSE ANO. ENTÃO EU ACREDITO, EU TENHO ESPERADO DE UM DIA EU POSSA FICAR NO MEU LUGAR DE ORIGEM. É ESSA ESPERANÇA QUE EU TENHO, NÉ?</p> <p><b>COLA COM (FITA 2 - 47:10)</b></p> <p>MALVINA — TEM QUE VIVER PELA FÉ. ACREDITAR QUE VAI DAR CERTO, PORQUE EU QUERO TER O MEU CANTINHO, COMO OUTRAS PESSOAS QUEREM. VOCÊ SABE QUE EM TODA A SITUAÇÃO QUE ACONTECE TEM OPORTUNISTA. E TEM PESSOAS QUE REALMENTE PRECISAM, ACHO QUE PELO POUCO QUE VOCÊS VIRAM DA MINHA</p>
--	--

<p><b>AGEFIS</b></p> <p><b>00:46:14 - FITA 02</b></p> <p><b>00:46:18 - FITA 02</b></p>	<p>SITUAÇÃO, DA MINHA FAMÍLIA, NINGUÉM TEM ONDE MORAR. A GENTE LUTOU A VIDA INTEIRA FEZ CADASTRO, SE INSCREVEU NOS PROGRAMAS HABITACIONAIS. TEM QUASE 30 ANOS JÁ E NUNCA SAI. ENTÃO TEM MUITAS PESSOAS NA MINHA SITUAÇÃO. QUE SÃO VETERANAS DE BRASÍLIA, QUE PROCURAM REALMENTE O SEU CANTINHO. IGUAL EU FALEI PARA VOCÊS, EU TENHO VERGONHA DE ESTÁ COM 45 ANOS TER AS MINHAS FILHAS CRIADAS, ENTENDEU? O ÚNICO ORGULHO QUE EU TENHO É QUE NENHUMA DELAS DESCAMINHOU PARA O MAL, NÉ?! DE ESTÁ ROUBANDO, DE ESTÁ MATANDO, DE ESTÁ SE PROSTITUINDO ESSAS COISAS. MAS EU TENHO VERGONHA DE OLHAR PARA O MEU PASSADO, MINHAS FILHAS CRIADAS, EU NÃO TENHO NADA PARA OFERECER. SÓ AMOR DE MÃE, SÓ AMOR DE VÓ. QUE EU SEI QUE É FUNDAMENTAL, MAS QUE NÃO É SUFICIENTE (SE EMOCIONA) IMPUNIDADE, INSEGURANÇA, INSATISFAÇÃO COM A SAÚDE, INSATISFAÇÃO COM A ESCOLA PÚBLICA, NÉ? INSATISFAÇÃO COM O DESCASO TOTAL.</p> <p><b>“SEGUNDO A SECRETARIA DE</b></p>
--	---



<p><b>MÁQUINAS (IMAGENS CEDIDAS PELA PELA SECRETARIA DE ORDEM PÚBLICA)</b></p> <p><b>MVI_ 013: FALA SOBRE DERRUBADA</b></p> <p><b>CARTELA AGEFIS</b></p>	<p>EM UM DIA.</p> <p><b>(MVI_ 013 - 00'07)</b></p> <p>MALVINA — TEVE UNS DIAS AÍ QUE ELES ESTAVAM PASSANDO AÍ TODOS OS DIAS, DE MANHÃ E DE TARDE, E DEPOIS ESQUECERAM DA GENTE UNS DIAS. AÍ AGORA, TODO DIA DE NOVO. DE SEGUNDA A SEXTA, NÉ? E “AQUI E ACOLÁ” ESCAPOLE PASSA, NO SÁBADO PASSA TAMBÉM E É ASSIM.ESSA PRESSÃO.INCLUSIVE TEM UM VÍDEO DE UMA DERRUBADA ALI QUE EU FUI PARA LÁ. AS CRIANÇAS LÁ: “MÃE AGORA VAI DERRUBAR NOSSA CASA?”. ELA É BEM COMUNICATIVA, NÉ! OUTRO DIA ATÉ QUE PASSOU UM CARRO E ELA PERGUNTOU ASSIM: “EI, VOCÊS VÃO DERRUBAR A NOSSA CASA?” ELE FALOU ASSIM: “NÃO, MOÇA, HOJE NÃO. NÃO TEM NADA PREVISTO PRA VOCÊS”. ELA: “AI, GRAÇAS AS DEUS”.</p> <p><b>“O SOL NASCENTE ESTÁ EM FASE REGULARIZAÇÃO. SERÃO GASTOS 400 MILHÕES EM OBRAS PARA CONSTRUÇÃO DE 188 QUILOMETROS ASFALTO E 66 QUILOMETROS DE REDE DE ESGOTO E CAPACITAÇÃO DE ÁGUAS PLUVIAIS. A CIDADE TEM</b></p>
--	---

<p><b>SEGURANÇA</b></p> <p><b>00:48:52 – FITA 02</b></p> <p><b>00:25:04 – FITA 02</b></p> <p><b>00:25:05 – FITA 02</b></p> <p><b>00:26:42 – FITA 02</b></p> <p><b>00:26:54 - FITA 02</b></p> <p><b>00:42:56 - FITA 02</b></p> <p><b>00:42:59 - FITA 02</b></p> <p><b>00:44:29 - FITA 02</b></p> <p><b>00:44:30 - FITA 02</b></p>	<p><b>65 MIL MORADORES”.</b></p> <p><b>(FITA 2 - 48:52)</b></p> <p>MALVINA — A VIZINHANÇA AQUI, NÓS PODEMOS DIZER O SEGUINTE TEM QUE SER, PELO FATO DA GENTE VIVER COMO VIVE, NA SITUAÇÃO QUE A GENTE VIVE AQUI É UM LAVANDO A MÃO DO OUTRO, NÉ. UM AJUDANDO O OUTRO. GRAÇAS A DEUS, VOCÊ NÃO VÊ NINGUÉM, MAS SE UM PRECISAR, SE EU PRECISO DE ALGUM, PODE TER CERTEZA, NÃO TEM NENHUM QUE NÃO DIZ NÃO, NA SITUAÇÃO QUE A PESSOA QUE REALMENTE ESTÁ PRECISANDO. AQUI JÁ HOUE SITUAÇÃO DE CHEGAR O VIZINHO: MALVINA ME DÁ UM LITRO DE LEITE QUE MEU FILHO TÁ SEM LEITE. MEU MARIDO ESTÁ DESEMPREGADO. QUANDO FOI NA ÉPOCA DA CHUVA QUE CAIU, FICOU MUITA GENTE SEM TRABALHAR, PORQUE NÃO PODE IR PARA O SERVIÇO, NÃO PODE DEIXAR A CASA DO JEITO QUE ESTAVA, PORQUE A CASA DE TODO MUNDO COM AQUELE TEMPORAL E AINDA APARECEU OS OPORTUNISTAS, OS DONOS DO ALHEIO, VOCÊ NÃO PODIA DESCUIDAR QUE ESTAVA</p>
--	---

	<p>ROUBANDO ALGUMA. NAQUELA SITUAÇÃO HOUVE UMA CASA AQUI QUE A MULHER SAIR PARA TRABALHAR E COMO FICOU UM PEDAÇO DO TELHADO DELA SEM ARRUMAR, LEVARAM TUDO, A MULHER FICOU SEM CAMA , O QUE ELES PUDEAM LEVAR ELES LEVARAM TUDO. ENTÃO É UM OBSERVANDO O OUTRO AJUDANDO, TEM QUE SER ASSIM. OS VIZINHOS COM CERTEZA SÃO BOAS PESSOAS, TEM AQUELES QUE NÃO SE DÃO BEM COM AQUELE OU COM AQUELE OUTRO, MAS GRAÇAS A DEUS NÃO É O MEU CASO.</p> <p><b>(FITA 2 - 25:04)</b></p> <p>PERGUNTA — QUANDO ACONTECE UMA COISA, CHAMA A POLÍCIA?</p> <p><b>(FITA 2 - 25:05)</b></p> <p>MALVINA — NÃO VEM. ELES FALAM A GENTE TÁ INDO, OU NÃO TEM VIATURA DISPONÍVEL NO MOMENTO, A GENTE ESTÁ MANDADO A VIATURA, O BOMBEIRO A MESMA COISA. NA VERDADE ATÉ UM DETERMINADO HORÁRIO, SAMU AINDA ENTRA, MAS DEPOIS NÃO ENTRA MAIS. O HORÁRIO É COMPLICADO O PESSOAL ASSALTA POR MALDADE</p>
--	---

	<p>MESMO, CRUELDADÉ. FOI ENCONTRADO O CORPO DAQUELE EDUCADOR, FOI ENCONTRADO CARBONIZADO, FOI AQUI PERTINHO DAQUI DAVA PARA VER O MOVIMENTO DA AÇÃO DA POLÍCIA LÁ. EU ESTIVE LÁ VI. UM MORTO QUE FOI ASSASSINADO AQUI COM MAIS VINTE TIROS. DAQUI TRÊS MINUTOS VOCÊ CHEGA AO LOCAL DO CORPO. E ASSIM TEM ESSE CÓRREGO, QUE É VIOLÊNCIA TOTAL, QUE ESTÃO ENCONTRANDO SEMPRE OS CORPOS LÁ E CARRO QUEIMADO, NÉ. ESSES SEQUESTROS RELÂMPAGO, AI VOCÊS ACHAM POR AQUI ASSIM, VOCÊ DÁ UMA VOLTINHA, POR ALI ASSIM ACONTECEU QUANDO EU TIVE QUE IR PRA LÁ, OITO CARROS QUEIMADO, CARROS NOVOS, QUE VOCÊ VÊ, SEDAN, CAMINHONETE, CARRO NOVO VOCÊ ENCONTRA POR AÍ SÓ O ESQUELETO, SÓ AS CARCAÇAS. A VIOLÊNCIA É MUITA E A NOITE AQUI DÁ SETE HORAS VOCÊ NÃO VÊ MAIS NINGUÉM NA RUA. É O PESSOAL QUE ESTÁ CHEGANDO QUE ESTÁ BATENDO NA SUA PORTA PARA ENTRA, É REALMENTE PERIGOSO. AQUI NÃO TEM ESTRUTURA. UM TIJOLO DESSE NÃO SEGURA UMA BALA E TIRO</p>
--	--



	<p>AQUI É A TODA A HORA A TODO INSTANTE, NÉ!? AINDA HOJE POR VOLTA DAS CINCO HORAS DA MANHA, VOCÊ ESCUTA 10, 15 TIROS, SABE QUE É BANDIDO TROCANDO TIROS E É PERTINHO, O MEDO É CONSTANTE E A INSEGURANÇA AQUI É CONSTANTE. QUANDO O REGINALDO SAÍ PARA TRABALHAR, ÀS 5H 5H30 VAI A É EU FICO COM MEDO ATÉ DE ELE VER ALGUMA COISA E OS MARGINAIS VEREM QUE ELE VIU E, NÉ? E QUEREREM APAGAR O ARQUIVO VIVO.</p> <p><b>(FITA 2 - 44:29)</b></p> <p>PERGUNTA — TEM MEDO DAS CRIANÇAS BRINCAREM AQUI NA FRENTE:</p> <p><b>(FITA 2 - 44:30)</b></p> <p>MALVINA — TENHO. TENHO MUITO, QUANDO ELES FICAM BRINCANDO ASSIM, PORQUE A GENTE ESTÁ DO LADO DE FORA, MAS A GENTE NÃO ESTANDO É TODO MUNDO ASSISTINDO TELEVISÃO, DORMINDO, DE CASTIGO PARA NÃO VIR PRA FORA, SE A GENTE ESTIVER MUITO OCUPADO, NEM ERA PARA ESTÁ DE CASTIGO, MAS A GENTE FALA, ESTÁ DE CASTIGO, MAS NÃO É PARA VIR PARA FORA, ENTENDEU.</p>
--	---



<p><b>IMAGENS CAMINHANDO NA RUA PARA IR Á PARADA DE ÔNIBUS</b></p> <p><b>00:57:57 – ATÉ O FIM DA FITA 02</b></p> <p><b>00:00:02 – FITA 01</b></p> <p><b>IMAGENS ÔNIBUS, CIDADE, ELA ATRAVESSANDO A PISTA ATÉ A PARADA</b></p> <p><b>00:04:00 – FITA 01</b></p>	<p>ESTRUTURA PARA TODAS AS CRIANÇAS DO SOL NASCENTE,MUITAS CRIANÇAS ESTUDAM NA CEILÂNDIA, EM TAGUATINGA E EM OUTROS LUGARES.</p> <p><b>(FITA 2 - 16:03)</b></p> <p>PERGUNTA — COMO ELES VÃO PARA ESCOLA?</p> <p><b>(FITA 2 - 16:04)</b></p> <p>MALVINA – VÃO DE ÔNIBUS</p> <p><b>(FITA 2 - 16:34)</b></p> <p>PERGUNTA – AÍ A SENHORA PEGA AS CRIANÇAS E LEVA PARA O ÔNIBUS?</p> <p><b>(FITA 2 - 16:36)</b></p> <p>MALVINA – A GENTE PEGA LÁ NO TREM BOM E VOLTA, DEPOIS A TARDE UMA DAS MENINAS VAI E BUSCA. ESSES PRIMEIROS DIAS FICARAM ATÉ MEIO CONTRA MÃO PRA GENE, PORQUE DUAS SAIAM QUATRO HORAS E OU OUTROS DOIS SEIS. AÍ A GENTE TINHA QUE FICAR LÁ ATÉ SEIS HORAS ESPERANDO OS OUTROS SAÍREM, PARA NÃO TER QUE GASTAR MAIS NÉ, PORQUE POR ENQUANTO TÁ SAINDO DO PRÓPRIO BOLSO MESMO.</p>
--	---



<p><b>CARTELA DFTRANS</b></p>	<p>TAMBÉM?</p> <p>MALVINA: SUJA E PARA ATRAVESSAR AQUI É CAOS. TEM QUE ESPERAR BAIXAR PARA PODE IR E VIR MAIS CEDO, OU ENTÃO QUANDO PEDIR SOCORRO, EU LIGO PARA ALGUÉM VIR ME BUSCAR...</p> <p><b>“O DFTRANS INFORMOU QUE A FALTA DE SEGURANÇA PÚBLICA ATRAPALHA O CUMPRIMENTO DE ALGUMAS VIAGENS EM DETERMINADOS LOCAIS. MAS QUE CINCO LINHAS DE ÔNIBUS SÃO DESTINADAS AO SOL NASCENTE”.</b></p>
<p><b>ESPERANÇA</b></p> <p><b>00:12:00 - FITA 01</b></p> <p><b>00:12:31 - FITA 01</b></p> <p><b>00:13:03 - FITA 01</b></p> <p><b>00:13:07 - FITA 01</b></p> <p><b>00:13:08 - FITA 01</b></p> <p><b>00:13:10 - FITA 01</b></p>	<p><b>(FITA 1 - 12:00)</b></p> <p>MALVINA — A MINHA ESPERANÇA, ESPERANÇA DE REGULARIZAÇÃO DE VER AS CRIANÇAS PODER BRINCAR NO QUE É DELES, NÉ, QUE ISSO AQUI SEJA DA GENTE, QUE ELES CRESÇAM TENDO UM LUGAR PARA IR E VOLTAR. PORQUE É MUITO DIFÍCIL GASTAR TUDO QUE TEM COM O ALUGUEL. MUITO DIFÍCIL.</p> <p>PERGUNTA: A SENHORA UMA VEZ FALOU QUE QUER MORRER AQUI?</p> <p><b>(FITA 1 - 12:31)</b></p> <p>MALVINA – 12:31 – EU QUERO. EU QUERO TER PAZ DE FICAR. EU</p>

	<p>QUERO QUE ELES REGULARIZEM QUE A GENTE QUE A FIQUE EM PAZ, PORQUE EU QUERO TER PAZ, EU QUERO MORRE EM PAZ NO QUE É MEU, PORQUE É UM DIREITO QUE O SER HUMANO TEM DE PELO MENOS PODER HABITAR, NÉ, COM DIGNIDADE.</p> <p>PERGUNTA: E SE ACONTECER DE TIRAR, O QUE VAI SER?</p> <p>MALVINA: VAI SER UM TRANSTORNO, NÉ? UM TRANSTORNO TOTAL. NA MINHA VIDA. OUTRO TRANSTORNO PARA AS CRIANÇAS, ESCOLA, E NÉ?</p> <p><b>(FITA 1 - 13:03)</b></p> <p>PERGUNTA – APESAR DE TODA DIFICULDADE DAQUI:</p> <p>MALVINA – EU GOSTO, EU SOU FELIZ AQUI.</p> <p>PERGUNTA – O QUE O SOL NASCENTE SIGNIFICA PARA SENHORA</p> <p>MALVINA – ESPERANÇA. ESPERANÇA DE MELHORIA. ESPERANÇA DE QUE UM DIA NÓS POSSAMOS SER VISTOS COMO SER HUMANOS DIGNOS DE RESPEITO. PORQUE EU ACREDITO QUE NÓS PELO MENOS MERECEMOS</p>
--	---



	<p>CAJUEIRO</p> <p>ORIENTADOR: LUIZ CLÁUDIO FERREIRA.</p> <p>APOIO: CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB.</p>
--	---